

## **Gás de xisto no Brasil: receita para um desastre ambiental**

**Categories :** [Suzana Padua](#)

Escrevo sobre o "gás de xisto" por perceber a gravidade da questão, se não tratada com o devido cuidado.

Participei no início de junho desse ano, do 18o Congresso Brasileiro de Direito Ambiental, em São Paulo, organizado pelo [Instituto O Direito por um Planeta Verde](#). Em uma mesa composta por profissionais de diversas áreas, foram debatidos temas referentes a licenciamento, ética, sustentabilidade e participação pública. Um dos palestrantes, [Luiz Fernando Scheibe](#), Geólogo, Professor Emérito da Universidade Federal de Santa Catarina e Coordenador do Projeto Rede Guarani/Serra Geral, expôs os perigos de um processo que parece avançar sem a divulgação e os passos que garantam a precaução para a proteção de uma das maiores riquezas de nosso país nos tempos atuais: a água.

Enquanto a escassez de água é notória em todo o planeta, o Brasil, juntamente com países vizinhos (Argentina, Paraguai e Uruguai) têm o privilégio de ter sob seus territórios o chamado Aquífero Guarani. Ao invés de tratar este patrimônio como uma riqueza a ser preservada a todo custo, agora existem planos para explorar o gás de xisto - do qual, segundo o Professor Scheibe, o Brasil nem tem necessidade ainda -, mas que certamente afetará a água sob nosso solo, já que a rocha a ser fraturada (o Folhelho Irati) se encontra a algumas centenas de metros abaixo do Aquífero Guarani, na Bacia Geológica do Paraná.

### **Aquíferos em perigo**

Existem companhias  
ansiosas por entrarem em  
processos licitatórios de  
exploração do gás de xisto  
no Brasil, e outras  
vislumbrando orçamentos  
astronômicos para

## despoluir a água e as áreas afetadas pela sua extração.

O Aquífero Guarani é uma das maiores reservas subterrâneas de água doce do mundo. Está localizado na região sul da América do Sul, e ocupa uma extensão de aproximadamente 1,1 milhão de quilômetros quadrados e profundidade de até cerca de 1.500 metros. Tem a capacidade de abastecer, de forma sustentável, muitos milhões de habitantes, com trilhões de metros cúbicos de água doce por ano. No Brasil, o Aquífero Guarani está no subsolo dos estados de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Esta riqueza está agora ameaçada por uma enorme pressão econômica, a exemplo do que já vem ocorrendo nos Estados Unidos. Existem companhias ansiosas por entrarem em processos licitatórios de exploração do gás de xisto no Brasil, e outras vislumbrando orçamentos astronômicos para despoluir a água e as áreas afetadas pela sua extração. Ou seja, umas companhias ganham para explorar e outras lucram para minimizar os estragos feitos pela extração do xisto.

O governo brasileiro pretende incluir o gás de xisto na matriz energética do país, e agendou o primeiro leilão de licitação das áreas a serem exploradas para o final deste ano. De acordo com o Prof. Scheibe, diversos pesquisadores brasileiros vêm propondo uma moratória de pelo menos cinco anos, tempo a ser dedicado a estudar a viabilidade, sustentabilidade e consequências socioambientais prováveis desta nova forma de extrair os combustíveis fósseis.

### **Qual a ameaça do gás de xisto para o Brasil e para a água do Aquífero Guarani?**

A exploração do gás de xisto contamina a água. O xisto é encontrado aprisionado em pequenas bolhas de formações rochosas altamente impermeáveis. Diferentemente do gás natural e do petróleo que ocorrem em estruturas geológicas e nichos próprios, o gás de xisto está impregnado nas rochas e na própria formação geológica. A extração desse recurso tornou-se eficiente e econômica em tempos recentes devido aos avanços tecnológicos. O primeiro, conhecido como "*fracking*", depende de fraturar a rocha, injetando sob alta pressão, grandes quantidades de água, explosivos e substâncias químicas, que podem ocasionar vazamentos e a contaminação de aquíferos de água doce que ocorrem acima do xisto; o segundo avanço é a eficácia nas perfurações horizontais. A tecnologia de sua extração baseia-se, portanto, em processos invasivos da camada geológica portadora do gás, por meio da técnica de fratura hidráulica (*shale gas fracking*), que causa danos ambientais ainda não totalmente conhecidos, mas que prometem ser irreversíveis.

A extração do gás de xisto tem sido apontada como sucesso tecnológico e alavancado a economia dos Estados Unidos. Porém, tem sido questionada pelos riscos e danos ambientais que

resultam de seu processo exploratório. Esta é uma grande preocupação dos técnicos e gestores brasileiros da área de recursos hídricos e de meio ambiente, que precisam ser ouvidos antes do mal ser consumado de forma definitiva.

Sabedores destes riscos, a França, a Bulgária e alguns estados Norte-Americanos e Canadenses já proibiram a extração do gás de xisto em seus territórios. O Canadá está realizando uma avaliação criteriosa sobre a viabilidade e a sustentabilidade da exploração desse recurso. Uma vez que a economia tem regido as decisões dos do mundo moderno, a exploração de xisto já conta com estimativas exorbitantes para a sua extração e, o que é pior, para a descontaminação da água e dos locais afetados após a retirada do gás. Bilhões de dólares serão movimentados, o que é atraente para a economia, mas inaceitável para a sustentabilidade socioambiental do Brasil e do planeta.

Mesmo havendo pactos de cooperação entre os países que compartilham do Aquífero Guarani, o Brasil está dando um passo no escuro. Pretende abrir concessões para a extração do gás de xisto sem consultar a comunidade científica de forma adequada. Falta uma discussão aprofundada e criteriosa com os estudiosos do tema para embasar as decisões a serem tomadas.

**Leia também**

[Na América do Sul, começa a corrida pelo xisto](#)

[Amazônia peruana: tecnologia promete reduzir impacto dos poços de petróleo](#)

[Bolívia: governo explorará petróleo e gás em áreas protegidas](#)